PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL SOB A PERSPECTIVA HISTÓRICO-CULTURAL: O BRINCAR DE FAZ DE CONTA NA PROMOÇÃO DA SAÚDE BUCAL

Naira Natieli de Araújo Novello [1]

Denis Gomes da Cruz [2]

Luara Alexandre dos Santos Rocha [3]

Lucinéia Maria Lazaretti [4]

Heloísa Toshie Irie Saito [5]

INTRODUÇÃO

A Educação Infantil, enquanto primeira etapa da Educação Básica, configura-se como um espaço institucional privilegiado para a promoção do desenvolvimento psíquico e cultural da criança pequena. No âmbito da Teoria Histórico-Cultural, o desenvolvimento humano não ocorre de forma espontânea ou biologicamente determinada, mas é impulsionado pela apropriação dos signos e instrumentos culturalmente elaborados mediante mediações pedagógicas intencionais. Na idade pré-escolar (faixa de 4 a 5 anos), a atividade principal do desenvolvimento é o jogo de papéis sociais (ou brincadeira de faz de conta), momento em que a criança reconstitui ludicamente as ações, funções e relações do mundo adulto, desenvolvendo o autodomínio da conduta e neoformações psíquicas essenciais.

A saúde bucal é parte integrante da saúde geral e da qualidade de vida, e os hábitos de autocuidado que a sustentam começam a ser formados ainda na primeira infância. Nesse período, a cárie dentária segue como um dos agravos mais frequentes entre as crianças brasileiras, o que reforça a importância de ações educativas e preventivas realizadas de modo contínuo e precoce. Por reunir diariamente crianças pequenas em um espaço coletivo e intencionalmente organizado, a Educação Infantil constitui um território estratégico para essas ações, sobretudo quando articulada às políticas intersetoriais de saúde e educação, como o Programa Saúde na Escola (PSE). Contudo, para que os hábitos de higiene bucal sejam efetivamente apropriados pela criança, e não apenas cumpridos por obediência ao adulto, é necessário que as práticas de cuidado se convertam em experiências com sentido. A Teoria Histórico-Cultural oferece fundamentos para essa compreensão ao entender que o

desenvolvimento infantil se realiza pela mediação cultural e que, na idade pré-escolar, a brincadeira de papéis sociais é a atividade que mais amplia a compreensão da criança sobre o mundo adulto.

No cotidiano das instituições infantis, contudo, práticas voltadas à saúde e à higiene corporal muitas vezes reduzem-se a prescrições higienistas e rotinas mecânicas desprovidas de sentido reflexivo para as crianças. Diante desse cenário, esta pesquisa justifica-se pela necessidade de ressignificar as rotinas de saúde bucal — vivenciadas na educação infantil por meio de momentos como escovação e aplicação de flúor —, convertendo-as em objetos de apropriação consciente de hábitos de autocuidado. Além disso, fundamenta-se na relevância de superar sentimentos de medo e ansiedade historicamente associados ao atendimento odontológico, promovendo a articulação intersetorial entre as diretrizes do Programa Saúde na Escola (PSE) e as competências do currículo previsto pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

O objetivo geral do estudo consistiu em analisar como a intervenção pedagógica intencional e a organização do jogo de papéis sociais promovem a apropriação de conceitos científicos sobre a saúde bucal e a desmistificação da figura do profissional de saúde entre crianças do Infantil V. Como objetivos específicos, buscou-se: 1.Diagnosticar os conhecimentos prévios e os medos das crianças referentes à intervenção odontológica; 2. Proporcionar vivências concretas no território por meio de oficinas multiprofissionais e visita técnica orientada ao consultório odontológico municipal; 3.Acompanhar as transformações qualitativas na estrutura do jogo simbólico após o contato com a realidade profissional; 4. Possibilitar o letramento e a autoria infantil por meio da produção de um livro literário de rimas ilustrado com auxílio de ferramentas de Inteligência Artificial (IA).

A síntese metodológica pautou-se em uma pesquisa-ação de natureza qualitativa e caráter descritivo-analítico, desenvolvida com 17 crianças matriculadas no Infantil V de um Centro Municipal de Educação Infantil (CMEI) no noroeste do Paraná. O procedimento organizou-se em cinco fases encadeadas: diagnóstico conceitual prévio, jogo de papéis preliminar, intervenção multiprofissional com visita ao consultório clínico, ressignificação do jogo de papéis e síntese autoral com criação de livro digital e impresso.

Os resultados e discussões demonstraram avanços expressivos no desenvolvimento psíquico e social dos professores. Constatou-se a incorporação precisa de vocabulário técnico (como *esmalte*, *placa bacteriana* e *fio dental*) no repertório oral infantil, a desmistificação do receio ao atendimento clínico e um salto de qualidade no jogo dramático, que evoluiu de enredos fragmentados para sequências operacionais complexas e autorreguladas. Ademais, a

utilização da Inteligência Artificial na composição do livro autoral garantiu uma representação identitária concreta, conectando o letramento escolar ao contexto familiar.

Em síntese conclusiva, o estudo evidencia que a articulação entre a práxis pedagógica, a teoria histórico-cultural e a intersetorialidade da saúde e educação potencializa a humanização e a autonomia na infância

MATERIAIS E MÉTODOS

O estudo pauta-se na perspectiva Teórico-Metodológica Histórico-Cultural, fundamentada nos pressupostos de Vigotski e autores contemporâneos, com ênfase no conceito do jogo de papéis sociais enquanto atividade principal e promotora do desenvolvimento psíquico na idade pré-escolar. A intervenção configurou-se como uma pesquisa-ação de natureza qualitativa e caráter descritivo-analítico, visando articular a intencionalidade pedagógica do currículo previsto pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC) às diretrizes do Programa Saúde na Escola (PSE), instituído pelo Decreto nº 6.286, de 5 de dezembro de 2007.

A práxis pedagógica foi desenvolvida com um agrupamento de 17 crianças matriculadas no Infantil V (turno matutino) de um Centro Municipal de Educação Infantil (CMEI) situado no noroeste do Estado do Paraná. A escolha da temática — Saúde Bucal — emergiu da necessidade de atribuir sentido cultural e intencionalidade reflexiva às rotinas institucionais já vivenciadas pelas crianças (como a escovação supervisionada e a aplicação tópica de flúor), convertendo práticas prescritivas em apropriações conscientes de hábitos de autocuidado.

Para viabilizar a proposta, firmou-se uma parceria intersetorial entre a instituição escolar e a Secretaria Municipal de Saúde. O procedimento metodológico organizou-se em cinco fases encadeadas: 1. Diagnóstico do Repertório Conceitual Prévio; 2. Investigação inicial dos conhecimentos cotidianos e das hipóteses das crianças a respeito da saúde bucal, dos profissionais e das ferramentas odontológicas, identificando lacunas conceituais e dúvidas norteadoras. 3. Jogo de Papéis Preliminar; 4. Manipulação de Objetos e 5. Organização de episódios de brincadeira simbólica com base na experiência prévia do grupo.

Disponibilizaram-se objetos estruturados (instrumentos odontológicos de brinquedo e insumos cedidos pelas equipes de saúde) e não estruturados (materiais recicláveis, massinhas e tecidos). A intervenção docente pautou-se na observação participante e no registro das

manifestações orais e motoras, problematizando as ações observadas para desconstruir estigmas ou medos associados ao atendimento clínico. Já a intervenção multiprofissional e imersão no campo clínico, recebeu das profissionais de saúde bucal do município no espaço escolar para a realização de oficinas prático-sensoriais (técnicas de escovação e uso do fio dental em maquetes). Posteriormente, realizou-se uma visita técnica orientada ao Consultório Odontológico Municipal, na qual as crianças observaram in loco o manuseio dos equipamentos, a dinâmica de trabalho da equipe e os procedimentos clínicos cotidianos.

No intuito de ressignificar o Jogo de Papéis e Apropriação Tecnológico-Midiática, utilizou-se de recursos multimídia (vídeos educativos, narrativas infantis e músicas) para mediar a transição dos conhecimentos cotidianos para conceitos científicos. Sequencialmente, reestruturou-se o jogo de papéis sociais no consultório cenográfico montado na escola. Nessa etapa, observou-se uma mudança qualitativa nas ações das crianças, que passaram a reproduzir condutas e vocabulários técnicos aprendidos nas fases anteriores, evidenciando a internalização do conhecimento.

Por fim, enquanto síntese autoral, letramento e produção literária digital: sistematização coletiva dos saberes construídos mediante a elaboração de rimas e versos orais e sua conversão em um livro literário autoral, utilizou-se a Inteligência Artificial (IA) como ferramenta pedagógica auxiliar na diagramação e na geração de ilustrações que simulavam as características físicas das crianças. Paralelamente, explorou-se a dimensão do letramento, apresentando aos alunos a estrutura do portador textual (capa, paginação, dados editoriais e autoria). A intervenção encerrou-se com a impressão e distribuição individual dos exemplares para socialização no núcleo familiar.

A análise dos dados ocorreu de forma contínua, utilizando como instrumentos o diário de campo da professora, os registros fotográficos e as produções linguísticas e expressivas dos educandos, com foco na evolução do jogo simbólico e na autonomia das crianças.

REFERENCIAL TEÓRICO

Para fundamentar teoricamente a práxis pedagógica desenvolvida nesta pesquisa-ação, este referencial teórico organiza-se em três eixos conceituais interdependentes, alicerçados na Teoria Histórico-Cultural e na Pedagogia Histórico-Crítica. O desenvolvimento psíquico infantil e a apropriação da cultura não ocorrem de maneira espontânea, mas dependem das condições concretas de vida, da atividade do sujeito e da intervenção pedagógica intencional e

consciente. Nesse sentido, o primeiro eixo analisa o desenvolvimento psíquico na idade pré-escolar, destacando o jogo de papéis sociais como atividade principal responsável por impulsionar neoformações e o autodomínio da conduta. O segundo eixo discute a intervenção pedagógica e o ensino desenvolvente, problematizando a indissociabilidade entre o cuidar e o educar no âmbito da saúde bucal e da articulação intersetorial. Por fim, o terceiro eixo aborda as múltiplas linguagens, a observação e a documentação pedagógica, destacando o papel da escuta atenta do professor e a inserção das tecnologias digitais, como a Inteligência Artificial, no fortalecimento do letramento e da autoria infantil.

O Desenvolvimento Psíquico na Idade Pré-Escolar e o Jogo de Papéis Sociais como Atividade Principal

A compreensão do desenvolvimento psíquico infantil na perspectiva Histórico-Cultural e da Pedagogia Histórico-Crítica fundamenta-se na premissa de que a psique humana se constitui na e pela atividade social do sujeito em relação com o meio cultural e com os adultos. De acordo com Leontiev (1988) e Elkonin (1987), o desenvolvimento não se processa por um amadurecimento biológico maturacional, mas por mudanças qualitativas e saltos revolucionários impulsionados pelo tipo de atividade que rege a relação da criança com a realidade em cada período ontogenético.

Neste estudo, articulam-se a Teoria Histórico-Cultural, que explica o desenvolvimento psíquico como processo mediado pela apropriação da cultura, e a Pedagogia Histórico-Crítica, que, partindo do mesmo fundamento materialista histórico-dialético, orienta a organização do trabalho pedagógico e a seleção dos conteúdos a serem ensinados; enquanto a primeira esclarece como a criança se desenvolve, a segunda indica como o ensino pode intencionalmente impulsionar esse desenvolvimento (MARSIGLIA; MARTINS, 2016).

Na transição da primeira infância para a idade pré-escolar (aproximadamente entre 3 e 6 anos), assiste-se ao esgotamento da atividade objetal-manipulatória enquanto guia do desenvolvimento psíquico. Se no período anterior o foco da criança recaia sobre a apropriação dos modos sociais de uso dos objetos, na idade pré-escolar a criança direciona seu interesse para o mundo dos adultos, suas ações operacionais e suas relações sociais de trabalho. Emerge, assim, o jogo de papéis sociais (ou brincadeira protagonizada) como a atividade principal desse período.

Segundo Pasqualini (2013, p. 88), a brincadeira de papéis decorre de uma contradição fundamental própria da pré-escola:

> [...] por um lado, a criança experimenta a necessidade de fazer o que o adulto faz, de agir com os objetos como o adulto age. Por outro, seus limites operacionais e técnicos a impossibilitam de executar as operações exigidas pelas ações. Essa contradição só pode ser solucionada na brincadeira (PASQUALINI, 2013, p. 88) .

Ao criar uma situação imaginária, a criança liberta-se das amarras da percepção direta do objeto real, operando com significados culturais em um plano representacional. Conforme ensina Elkonin (1998), no jogo protagonizado o foco da criança não reside no resultado material da ação, mas no próprio processo de reproduzir as relações humanas. Ao assumir o papel de dentista, paciente ou atendente, a criança subordina voluntariamente seus impulsos imediatos às regras sociais inerentes ao papel assumido. Como aponta Pasqualini (2013), o jogo de papéis atua como uma verdadeira "oficina de autodomínio da conduta", na qual se formam a capacidade de autorregulação, o controle voluntário do comportamento e a imaginação criativa.

No contexto do projeto investigado, a oferta intencional de objetos estruturados e não estruturados serviu como suporte mediador para que as crianças projetassem e reelaborassem suas experiências vivenciadas no consultório odontológico municipal. O jogo simbólico permitiu que o fator surpresa e o medo do desconhecido dessem lugar à compreensão afetiva e cognitiva das funções clínicas.

A Atividade Pedagógica, o Ensino Desenvolvente e a Ressignificação das Práticas de Cuidado e Saúde

Para que a criança se desenvolva e supere conhecimentos puramente empíricos ou de senso comum, faz-se indispensável a intervenção direta do professor enquanto representante e portador dos signos da cultura humana. A Teoria Histórico-Cultural defende a primazia do ensino desenvolvente — aquele que se antecipa ao desenvolvimento efetivo e atua na Zona de Desenvolvimento Iminente (ou Proximal), promovendo neoformações psíquicas.

A saúde bucal integra a saúde geral do indivíduo e interfere em funções como a alimentação, a fala, o sono e a socialização, de modo que seus agravos na infância repercutem na qualidade de vida e no desenvolvimento da criança (Bernardes et al., 2021). Entre esses agravos, a cárie dentária destaca-se como uma doença de elevada prevalência, de origem multifatorial e fortemente relacionada aos hábitos de higiene, à alimentação e ao acesso a ações de promoção e prevenção (Fyerskov e Kidd, 2005). Por ser uma doença em grande medida evitável, sua abordagem não deve restringir-se ao tratamento clínico, mas incluir práticas educativas que favoreçam a formação precoce de hábitos de autocuidado. Nesse sentido, a

primeira infância configura-se como período decisivo, pois as condutas aprendidas nessa fase tendem a se consolidar ao longo da vida (Bernardes et al., 2021).

A Educação Infantil, ao acolher crianças em tempo integral ou parcial e organizar rotinas coletivas de higiene, reúne condições favoráveis para esse trabalho. Todavia, quando tais rotinas são conduzidas de forma estritamente prescritiva, com foco na obediência a normas e não na compreensão de seu sentido, tendem a produzir comportamentos mecânicos e pouco duradouros. Daí a necessidade de uma abordagem pedagógica que, sem negar o caráter preventivo e higiênico, conceba a saúde bucal como conteúdo cultural a ser apropriado pela criança por meio de mediações intencionais, entre as quais se destacam a brincadeira de papéis sociais e a aproximação com os profissionais e espaços de cuidado.

A organização do trabalho pedagógico na Educação Infantil deve superar a falsa dicotomia entre as dimensões do cuidar e do educar. Práticas de higiene, como a escovação dentária, não se reduzem a cuidados corporais passivos ou treinos mecanicistas; constituem momentos privilegiados de mediação cultural e formação da identidade. Mello (2015, p. 47) enfatiza que "educamos a criança no próprio ato de cuidá-la", na medida em que o adulto compartilha intencionalmente o sentido das ações realizadas sobre o corpo infantil e estimula a sua participação ativa.

A promoção da saúde no contexto escolar exige a superação de ações isoladas e a construção de práticas articuladas entre diferentes setores das políticas públicas. Nessa direção, o Programa Saúde na Escola (PSE), instituído pelo Decreto nº 6.286, de 5 de dezembro de 2007, constitui uma iniciativa conjunta dos Ministérios da Saúde e da Educação que busca integrar as redes públicas de ensino e de atenção básica à saúde, com vistas à formação integral dos estudantes. Sob essa perspectiva, a intersetorialidade não se limita à presença eventual de profissionais da saúde na escola, mas pressupõe planejamento compartilhado, corresponsabilidade e diálogo entre saberes distintos (Scallioni et al. , 2012).

No campo da Educação Infantil, tal articulação adquire especial relevância, pois possibilita que ações de prevenção e de cuidado, como a escovação supervisionada e a aplicação tópica de flúor, sejam tomadas como conteúdo de ensino intencionalmente mediado, e não como rotinas desvinculadas de sentido. Ao aproximar as crianças dos profissionais e dos espaços de atenção à saúde do território, a parceria entre escola e serviço de saúde amplia o repertório cultural infantil e contribui para a apropriação de conceitos científicos acerca do corpo e do autocuidado, em consonância com a concepção histórico-cultural de que o ensino deve impulsionar o desenvolvimento psíquico.

No planejamento de ensino alicerçado na Pedagogia Histórico-Crítica, Marsiglia e Martins (2016) diferenciam os conteúdos de formação operacional dos conteúdos de formação teórica:

> Os primeiros dizem respeito aos conhecimentos sob domínio do professor que interferem na organização do ambiente e na mobilização dos processos psicológicos elementares visando sua complexificação [...]. Já os segundos são conhecimentos transmitidos de forma sistematizada, que operam na apropriação de conceitos (MARSIGLIA, MARTINS, 2016, p. 577).

Na intervenção pedagógica sobre a saúde bucal, o papel docente articulou esses dois níveis. Os saberes cotidianos do grupo foram problematizados e confrontados com os conhecimentos científicos disponibilizados pela equipe multiprofissional do Programa Saúde na Escola (PSE). Ao visitar o espaço real do consultório municipal e manusear os instrumentos clínicos, os conceitos espontâneos das crianças sobre a cárie e a dor reestruturaram-se em conceitos científicos sobre o microbioma bucal, prevenções periódicas e hábitos de autocuidado.

Múltiplas Linguagens, Observação Pedagógica e o Uso da Inteligência Artificial no Letramento Infantil

O trabalho pedagógico na infância exige o reconhecimento da diversidade de linguagens expressivas (orais, estéticas, corporais, dramáticas e escritas) pelas quais a criança se comunica e lê a realidade. Para que a intervenção docente seja efetiva e conectada às necessidades reais do grupo, o planejamento precisa estar ancorado na observação sensível e no registro reflexivo.

Segundo Freire (1996), a observação não se traduz em vigiar a criança, mas em "fazer vigília" por ela, exigindo atitude de escuta e disponibilidade para captar suas hipóteses e significados. Do mesmo modo, Ostetto (2000, p. 194) destaca que "escutar é a disponibilidade ao outro e a tudo o que ele tem a dizer", constituindo o ponto de partida para delimitar situações educativas desafiadoras.

A fase final do projeto concretizou a síntese cultural dos conhecimentos apreendidos por meio do letramento e da produção literária digital. A confecção de um livro autoral de rimas permitiu que as produções orais e expressivas dos alunos fossem convertidas em texto escrito, atribuindo sentido social à função da escrita.

Nesse processo, a Inteligência Artificial (IA) foi inserida não como substituta da criação infantil, mas como um recurso tecnológico mediador de linguagem e de representatividade. A geração de ilustrações inspiradas nas características físicas dos próprios alunos conferiu um

forte sentido de pertencimento e autoria. Conforme ressalta Moro (2012), a documentação pedagógica e a criação de materiais autorais ganham valor formidável ao permitirem que a criança aprecie suas conquistas e compartilhe com suas famílias a memória viva de seu aprendizado.

A presença das tecnologias digitais no cotidiano infantil impõe à escola o desafio de discutir seu uso pedagógico de modo crítico e intencional. Na perspectiva histórico-cultural, os instrumentos e signos produzidos pela cultura atuam como mediadores da atividade humana e, por isso, seu valor educativo não reside no recurso em si, mas na forma como o adulto organiza sua apropriação pela criança.

Nessa lógica, a Inteligência Artificial (IA) foi empregada neste estudo como ferramenta auxiliar de diagramação e de geração de ilustrações, permanecendo a autoria da criação, isto é, as rimas, as falas e as ideias, com as próprias crianças, e a condução das escolhas com a professora. A representação gráfica de personagens inspirados nas características físicas dos educandos possibilitou o reconhecimento identitário e o sentimento de pertencimento, ao mesmo tempo em que concretizou a função social da escrita ao transformar a produção oral em livro. Reconhece-se, contudo, que o uso de IA com crianças demanda cuidados éticos, entre eles a proteção da imagem e dos dados pessoais, em conformidade com a Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais (Lei nº 13.709/2018), que dedica atenção específica ao tratamento de dados de crianças, bem como a intervenção docente constante, de modo que a tecnologia amplie, e não substitui, os processos criativos e intrapsíquicos da infância.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise dos dados realizados por meio da observação participante e dos registros em diário de campo, evidenciou avanços qualitativos nas esferas psíquica, comportamental e social do grupo de crianças do Infantil V. A articulação intencional entre as vivências reais no território, a mediação da equipe multiprofissional e o jogo de papéis sociais revelou-se um vetor determinante para a superação de conhecimentos empíricos e fragmentados em direção à apropriação consciente de hábitos de autocuidado.

No que tange à apropriação do conhecimento sobre as profissões de saúde bucal, o contato direto com a equipe e a visita guiada ao consultório municipal permitiram às crianças compreender a divisão de trabalho entre Dentista, Técnico em Saúde Bucal (TSB) e Secretário. Termos como esmalte, raio X, placa bacteriana, gengiva e fio dental foram incorporados com

precisão ao repertório oral infantil, aparecendo de forma contextualizada tanto nas rodas de conversa quanto na condução do jogo dramático. A observação dos equipamentos e ferramentas de trabalho ressignificou a função social dos profissionais, que deixaram de ser associados à dor e o "desconhecido" e passaram a ser reconhecidos como agentes parceiros na promoção da saúde.

Antes da intervenção, as crianças associavam o dentista à dor e ao desconhecido; após as oficinas e a visita ao consultório, passaram a empregar os termos de modo contextualizado, o que sugere que os conteúdos de formação teórica, transmitidos pela equipe multiprofissional, foram articulados aos conteúdos de formação operacional organizados pela professora, conforme distinguem Marsiglia e Martins (2016). Nesse sentido, a mediação intencional cumpriu o papel de antecipar-se ao desenvolvimento, atuando na Zona de Desenvolvimento Iminente.

Essa mudança na percepção do profissional vinculou-se diretamente à desmistificação do receio e da ansiedade em relação ao atendimento odontológico. Ao manipular instrumentos clínicos em um ambiente seguro e controlado, o fator surpresa — principal causador da aversão à cadeira odontológica — foi eliminado. O diálogo horizontal mantido durante as oficinas prático-sensoriais e a visita ao ambiente real permitiram reconfigurar a memória afetiva dos alunos, convertendo o espaço do consultório em um local acolhedor e familiar.

A transformação do consultório, antes associado ao medo, em um espaço reconhecido como acolhedor evidencia que as práticas de saúde, quando mediadas de forma intencional, são também práticas educativas. Como afirma Mello (2015), educa-se a criança no próprio ato de cuidá-la. Ao explicar às crianças o que seria feito, permitir que manuseassem os instrumentos e dialogar com elas de modo horizontal, a proposta superou a lógica da prescrição higienista e converteu o cuidado em experiência com sentido, o que deu condições para a apropriação consciente do autocuidado, e não apenas sua execução por obediência.

O impacto da vivência real refletiu-se em um salto qualitativo na estrutura do jogo de papéis sociais. No momento anterior à intervenção prática, as brincadeiras do grupo apresentavam enredos fragmentados, repetitivos e centrados na simples manipulação motora dos brinquedos, acompanhados por diálogos genéricos sobre dor ou choro. Após as vivências concretas, observou-se uma transição para enredos complexos que reproduziam fielmente a sequência de um atendimento clínico real: a recepção na sala de espera, o preenchimento da ficha, o exame bucal e a orientação preventiva. As crianças demonstraram domínio no uso intencional dos objetos estruturados e não estruturados, além de uma maior capacidade de autorregulação, aceitando voluntariamente regras sociais como aguardar a vez e respeitar os

papéis atribuídos. A linguagem do brincar passou a integrar instruções claras e acolhedoras, demonstrando a internalização dos saberes.

A mudança observada no jogo, de enredos fragmentados e centrados na manipulação dos brinquedos para sequências que reproduzem o atendimento clínico, é coerente com o que a literatura histórico-cultural descreve sobre o jogo de papéis. Para Elkonin (1998), o foco da criança no jogo protagonizado está na reprodução das relações humanas, e não no resultado material da ação. Ao assumir os papéis de dentista, paciente e secretário, as crianças passaram a seguir as regras implícitas em cada função, como aguardar a vez e respeitar o lugar do outro, o que remete à "oficina de autodomínio da conduta" de que trata Pasqualini (2013). A riqueza das ações reproduzidas depende, ainda, do conhecimento que a criança tem da realidade que representa (LEONTIEV, 1988), o que ajuda a explicar por que o jogo se complexificou após a visita ao consultório: o contato direto com o trabalho dos profissionais ampliou o repertório que as crianças puderam recriar na brincadeira.

Por fim, a confecção do livro autoral de rimas, viabilizada com o auxílio da Inteligência Artificial para a geração de personagens inspirados nas características físicas dos próprios alunos, consolidou a síntese cultural do projeto. A visualização das próprias identidades na obra e a conversão de suas falas orais em texto impresso proporcionaram uma vivência concreta de autoria. O envolvimento na estruturação da capa, paginação, dedicatória e elementos editoriais ampliou a compreensão sobre a função social da escrita, permitindo que a apropriação dos conceitos de saúde bucal ultrapassasse o espaço do CMEI e alcançasse o contexto familiar.

A produção do livro autoral dialoga com o princípio histórico-cultural de que os instrumentos e signos da cultura, entre eles a escrita e, neste estudo, a tecnologia digital, atuam como mediadores da atividade da criança. Ao verem suas próprias falas convertidas em texto impresso, com capa, autoria e dedicatória, as crianças vivenciaram a escrita em sua função social, e não como exercício de treino. A criação de materiais autorais e a documentação do percurso permitiram, ainda, que a criança apreciasse suas conquistas e compartilhasse com a família a memória de sua aprendizagem (MORO, 2012). Cabe ressaltar que a Inteligência Artificial atuou como recurso auxiliar de diagramação e ilustração, permanecendo a autoria das rimas e das ideias com as crianças e a condução das escolhas com a professora, o que preserva o caráter mediador e não substitutivo da tecnologia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização desta pesquisa-ação evidenciou como a mediação pedagógica intencional, articulada à organização do jogo de papéis sociais e à intersetorialidade entre Saúde e Educação Infantil, atua como força motriz no desenvolvimento psíquico de crianças pequenas. Ao tomar a saúde bucal como objeto de ensino e cuidado, o estudo demonstrou a possibilidade de transformar rotinas cotidianas em situações pedagógicas emancipatórias, promovendo a apropriação de conhecimentos científicos e a superação de concepções espontâneas e medos associados ao atendimento odontológico.

Os resultados confirmaram avanços qualitativos expressivos ao longo das cinco fases da intervenção. A aproximação concreta com o consultório odontológico municipal e a equipe de saúde permitiu a incorporação ativa de vocabulário técnico no repertório infantil, a ressignificação afetiva da figura do dentista e a complexificação do jogo simbólico, no qual as crianças exercitaram o autodomínio da conduta e a autorregulação. Complementarmente, a criação do livro autoral de rimas, com ilustrações geradas por Inteligência Artificial a partir das características das próprias crianças, fortaleceu a autoria, o letramento e o sentimento de pertencimento do grupo.

Fundamentado na Teoria Histórico-Cultural e na Pedagogia Histórico-Crítica, o trabalho reitera a indissociabilidade entre o cuidar e o educar, além de destacar o duplo protagonismo entre professor e aluno. Embora circunscrita a um ciclo de pesquisa-ação com dezessete crianças, a experiência oferece subsídios para futuras intervenções intersetoriais na Educação Infantil, comprovando que a observação atenta e o ensino desenvolvente asseguram o direito das crianças à apropriação dos bens culturais e ao pleno desenvolvimento de suas potencialidades.

REFERÊNCIAS

BERNARDES, A. L. B.; DIETRICH, L.; FRANÇA, M. M. C. A cárie precoce na infância ou cárie de primeira infância: uma revisão narrativa. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 14, e268101422093, 2021. DOI: 10.33448/rsd-v10i14.22093.

ELKONIN, D. B. Sobre el problema de la periodizacion del desarrollo psíquico en la infancia. In: DAVIDOV, V.; SHUARE, M. (org.). **La psicología evolutiva y pedagógica en la URSS (antología)**. Moscú: Progreso, 1987. p. 104-123.

ELKONIN, D. B. **Psicologia do jogo**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

FEJERSKOV, O.; KIDD, E. **Cárie dentária: a doença e seu tratamento clínico**. São Paulo: Santos, 2005.

FREIRE, Madalena. **Observação, registro e reflexão:** instrumentos metodológicos. 2. ed. São Paulo: Espaço Pedagógico, 1996.

LEONTIEV, A. N. Uma contribuição à teoria do desenvolvimento da psique infantil. In: VIGOTSKII, L. S.; LURIA, A. R.; LEONTIEV, A. N. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem.** Tradução de Maria da Penha Villalobos. São Paulo: Ícone: EDUSP, 1988. p. 59-83.

MARSIGLIA, Ana Carolina Galvão; MARTINS, Lígia Márcia. Planejamento pedagógico à luz da pedagogia histórico-crítica. In: PASQUALINI, Juliana Campregher; TSUHAKO, Yaeko Nakadakari (org.). **Proposta pedagógica para a Educação Infantil do Sistema Municipal de Ensino de Bauru/SP. Bauru**: Secretaria Municipal de Educação, 2016. p. 575-584.

MARTINS, Lígia Márcia. O ensino e o desenvolvimento da criança de zero a três anos. In: ARCE, Alessandra; MARTINS, Lígia Márcia (org.). **Ensinando aos pequenos de zero a três anos.** Campinas: Alínea, 2012. p. 93-121.

MELLO, Suely Amaral. **Os bebês como sujeitos no cuidado e na educação na escola infantil.** Educação Infantil, p. 46-48, 2015.

MORO, Catarina. **Avaliação na Educação Infantil:** um percurso, muitas trilhas, algumas paradas estratégicas. Educação Infantil, p. 32-42, 2012.

OSTETTO, Luciana Esmeralda. Planejamento na educação infantil: mais que a atividade, a criança em foco. In: OSTETTO, Luciana Esmeralda (org.). **Encontros e encantamentos na educação infantil:** partilhando experiências de estágios. Campinas: Papirus, 2000. p. 175-200.

PASQUALINI, Juliana Campregher. Periodização do desenvolvimento psíquico à luz da escola de Vigotski: a Teoria Histórico-Cultural do desenvolvimento infantil e suas implicações pedagógicas. In: MARSIGLIA, Ana Carolina Galvão (org.). **Infância e Pedagogia Histórico-Crítica.** Campinas: Autores Associados, 2013. p. 71-97.

SCALIONI, F. A. R.;FIGUEIREDO, S. R.; CURCIO, W. B.; ALVES, R. T.; LEITE, I. C. G.; RIBEIRO, R. A. Hábitos de dieta e cárie precoce da infância em crianças atendidas em faculdade de odontologia brasileira. **Pesquisa Brasileira em Odontopediatria e Clínica Integrada**, João Pessoa, v. 12, n. 3, p. 399-404, jul./set. 2012. DOI: 10.4034/PBOCI.2012.123.16.

---

[1] Mestre pela Universidade Estadual de Maringá – PR, naira.natieleehotmail.com@gmail.com;

[2] Mestre em Educação pela Universidade Estadual de Maringá – PR, denis.cruz@escola.pr.gov.br;

[3] Doutora em Educação Escolar pela Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho - SP, luara.alexandre.la@gmail.com;

[4] Doutora pela Universidade Federal de São Carlos – SP, lucylazaretti@gmail.com;

[5] Professora orientadora: Doutora pela Universidade de São Paulo – SP, htisaito@uem.br.